

## A DESMITIZAÇÃO NA OBRA DE A. RIMBAUD

*Adalberto Luis VICENTE\**

Encontramos com freqüência, na obra poética de A. Rimbaud (1854-1891), elementos míticos. Porém, por tratar-se de uma obra poética e não narrativa, tais elementos aparecem dispersos, manifestando-se na presença de personagens mitológicas, na utilização de símbolos ou no tema da busca da perfeição e da harmonia perdidas.

Se, por um lado, a obra de Rimbaud quase sempre contribui para a retomada do pensamento mítico, por outro, rompe com o tratamento literário tradicional que lhe é dado, provocando a "desmitização", como exemplificaremos através do soneto "Vênus Anadyomène". De qualquer forma, convém lembrar que tanto "mitificando" quanto "desmitificando", a obra de Rimbaud coloca-se no plano da ruptura e da revolta, quer em relação à sociedade burguesa de seu tempo, quer em rela

---

\* Aluno do Programa de Pós-Graduação e Professor do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800 - Araquara - SP.

ção às convenções literárias.

Num artigo publicado pela revista da Universidade de Bruxelas, Marc Eigeldinger, ao tratar do mito num dos poemas em prosa de Rimbaud ("Aube", incluído nas *Illuminations*), assim se expressa a respeito da presença de elementos míticos na obra deste autor:

"A obra rimbaldiana coloca-se de maneira permanente, dos *Premiers Vers* às *Illuminations*, sob o signo do fogo solar; ela é governada pela presença soberana deste astro, pela vontade de reintegrar o homem ou, ao menos, o poeta, no 'seu estado primitivo de filho do sol', como condição da existência projetada na ordem do mito." (4, p. 141)

Desta forma, vários poemas de Rimbaud podem ser lidos "como uma experiência graças à qual o poeta consegue, pelo menos por instantes, ultrapassar os limites do habitual e da morte, do espaço e do tempo, para aceder à dimensão mítica, à ordem do absoluto e do divino." (5, p. 53)

É natural que num poeta para quem "La vraie vie est absente" e que recusa enquadrar-se nos moldes da sociedade burguesa da segunda metade do século XIX, o tema da busca do absoluto apareça desde suas primeiras manifestações literá

rias.

O primeiro poema a fazer referência explícita ao mito encontra-se na carta de 24 de maio de 1870, endereçada a Théodore de Banville. Trata-se do poema "Credo in unam", que aparecerá nas publicações posteriores com o título "Soleil et Chair". Ao enviar o poema a Banville, Rimbaud pretendia fazê-lo publicar na revista *Parnasse Contemporain* e tornar-se assim um poeta parnasiano. Neste poema, o eu-lírico, invocando algumas figuras mitológicas gregas, entre elas Vênus, lamenta a perda da "unidade primitiva", para um mundo em que "os mistérios estão mortos" e onde "nossa pálida razão nos esconde o infinito". A influência parnasiana neste poema pode ser notada através da "alegria de um neo-paganismo todo de formas e cores, é o êxtase diante de deuses eternamente jovens e de deuses suntuosamente belas e nuas". (1, p. 90)

Mircea Eliade, em *Aspects du Mythe*, afirma que "os mitos gregos clássicos representam um triunfo da obra literária sobre a crença religiosa" e que "nós conhecemos o mito em estado de documento artístico e literário e não enquanto fonte, ou expressão, de uma experiência religiosa solidária de um rito" (3, p. 215). A partir do

Romantismo, assistimos a um esforço de retomada do pensamento mítico, numa tentativa de reintegrar o homem no mundo do sagrado, quer revitalizando mitos antigos, quer adotando versões das prezadas pelo mundo clássico ou voltando-se para os mitos populares. Esta nova retomada do pensamento mítico dá-se como forma de ruptura, de rejeição à sociedade industrial onde o "Deus do Útil" como dizia Baudelaire, nos afasta da harmonia primitiva. Ao mesmo tempo, o novo tratamento dado ao mito a partir do Romantismo, orienta-se contra o "horizonte de expectativas" do leitor acostumado à literatura clássica, provocando o efeito de novidade, mesmo quando se trata de velhos mitos já conhecidos.

Vemos assim que a obra de Rimbaud participa deste esforço de "remitização", no sentido de busca de um mundo perfeito e harmônico. Por outro lado, em poemas como "Vênus Anadyomène", o poeta procura romper de maneira absoluta o tratamento tradicional do mito e com o conceito clássico de beleza. Tal poema chama atenção porque, através da deformação da realidade pelo exagero de realismo, rompe com nossas expectativas de leitor, acostumados a ver em Vênus um modelo de beleza clássica.

O título, "Vênus Anadyomène", refere-se ao mito de nascimento da deusa e significa Vênus saindo das águas. Trata-se de um soneto descri tivo, e o título evoca a beleza harmônica do qua dro de Boticelli "O nascimento de Vênus", que também a representa saindo das águas do mar. Po rém a Vênus de Rimbaud emerge de uma velha ba nheira verde de zinco, emerge de uma maneira len ta e aparvalhada, seus cabelos são sebosos, seu colo é cinza e gordo, suas omoplatas são largas, seu dorso curto, percebem-se placas de gordura sob a pele, notam-se sobre seu corpo singulari dades que é preciso ver com lupa, todo seu corpo se movimenta e ela estende suas ancas largas, exibindo uma úlcera no ânus. E para dar um tom de ironia à descrição desse ser "horripelmente belo", Rimbaud coloca sobre seus rins a inscri ção latina "Clara Venus", a ilustre Vênus.

Se, como escreveu V. Chklovski em seu en saio "A arte como procedimento", "a imagem poéti ca é um dos meios de criar uma impressão máxi ma", o exagero deformante, a intensidade do feio, vão contra a norma artística predominante, sobretudo no período clássico, provocando o lei tor para que acrescente ao seu "horizonte de expectativas" uma abertura para a beleza desarmô

nica; ao mesmo tempo quebrando a regra clássica da diferenciação dos níveis, segundo a qual "as as suntos mitológicos" deveriam ser tratados num nível elevado e comedido e que "o cotidiano e o real só poderiam ter seu lugar na literatura no campo de uma espécie estilística baixa ou média, isto é, só de forma grotescamente cômica" (2, p. 486).

É interessante notar como o tema de Vênus aqui, não se enquadra de forma conveniente numa composição relativamente estreita e de tradição clássica como o soneto. Essa tensão entre a ri gidez formal do soneto em oposição ao seu conteúdo, pode ser notada sempre que Rimbaud utiliza essa composição poética, como se pode constatar em "Ma Bohème", "Oraison du soir", etc. Entretanto, Rimbaud, na esteira de Baudelaire e dos par nasianos rompe com as barreiras rígidas do soneto, instrumento poético utilizado por "inúmerá veis gerações idiotas" segundo o próprio Rim baud. Ao deslocar o hemistíquio do verso alexan drino, colocando pausas em posições pouco usuais, ao empregar o "enjambement", Rimbaud cria um conflito entre metro e sintaxe, violan do a tendência ao paralelismo fono-semântico do alexandrino clássico. Utilizando rimas insól í

tas, como "Vénus/anus", opondo um vocabulário erudito e neológico a formas de linguagem coloquial (a repetição da palavra "puis", por exemplo) e a termos considerados de "mau gosto", este soneto pode ser encarado como uma tentativa de ruptura com a tradição também ao nível formal.

A deformação grotesca através de imagens explosivas que insistem nas trivialidades e nas deformidades, aparecem também em poemas como "Les Assis", "Accroupissement", etc. Em quase todos eles a deformação parece recair sobre personagens marcadas pelo respeito às leis e às convenções. Assim, em "Les Assis", Rimbaud ataca a mesquinhez do burocrata; em "Accroupissement", um representante da igreja e em "Vénus Anadyomène", o conceito clássico de beleza.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBOUY, P. *Mythes et mythologies dans la littérature française*. Paris: Armand Collin, 1969.
2. AUERBACH, E. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
3. ELIADE, M. *Aspects du mythe*. Paris: Gallimard, 1963.

4. GUYAUX, A. (Org.). *Lectures de Rimbaud*. Bruxelles:  
Ed. Univ. de Bruxelles, 1982.
5. RICHTER, M. *La crise du logos et la quête du mythe*.  
Neuchâtel: A la Baconnière, 1976.